



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

HUGO LEONARDO CORRÊA GOMES

APHRODITE, SHANTEY VOCÊ FICA: a sagrada performatividade cênica, coletiva e
memorial de uma Drag Queen

BELÉM – PA

2026

HUGO LEONARDO CORRÊA GOMES

APHRODITE, SHANTEY VOCÊ FICA: a sagrada performatividade cênica, coletiva e memorial de uma Drag Queen

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Teatro, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Prof. Dr. Adriano Penha Furtado

BELÉM – PA

2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

G633a Gomes, Hugo Leonardo Corrêa
 Aphrodite, Shantey você fica: a sagrada performatividade cênica,
 coletiva e memorial de uma Drag Queen / Hugo Leonardo Corrêa
 Gomes. 2026.
 79 f.

 Orientador: Prof. Dr. Adriano Penha Furtado.

 Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
 Licenciatura em Teatro, Belém, 2026.

 1. Representação teatral. 2. Performance. 3. Autoetnografia. I.
 Título.

CDD - 23. ed. 792.028

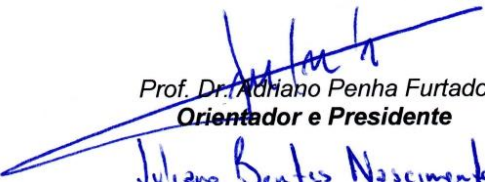
Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

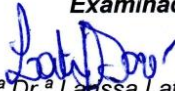
Ao vigésimo terceiro dia do mês de julho de dois mil e vinte e seis, às dezesseis horas, reuniu-se na Sala 03 da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Dr. Adriano Penha Furtado (Orientador e Presidente), Prof. Dr. Juliano Bentes do Nascimento (Examinador) e Prof.^a Dr.^a Larissa Latif Plácido Saré (Examinadora) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, do graduando HUGO LEONARDO CORREA GOMES, matrícula 201711240002, intitulado: "APHRODITE SHANTEY, VOCÊ FICA: A SAGRADA PERFORMATIVIDADE CÊNICA, COLETIVA E MEMORIAL DE UMA DRAG QUEEN".

O trabalho apresentado foi APROVADO, e obteve o conceito EXCELENTE com as seguintes observações: _____ e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 23 de julho de 2026.


Prof. Dr. Adriano Penha Furtado
Orientador e Presidente


Prof. Dr. Juliano Bentes do Nascimento
Examinador


Prof.ª Dr.ª Larissa Latif Plácido Saré
Examinadora

Aos meus pais Leonardo Texeira Gomes e Márcia Leticia Silva Corrêa por todo amor, carinho, compreensão, incentivo e investimento para que pudesse concluir mais este ciclo.

AGRADECIMENTOS

Começo essa escrita, agradecendo primeiramente a rede de apoio criada por meus colegas da turma de 2017, a Gabs e a Sueli Nascimento, que a todo momento me incentivavam a começar a escrita desse trabalho, me dando forças para concluir, vendo importância dessa pesquisa, tanto para mim, quanto para o campo acadêmico. Agradeço a pedagoga Glaise de Nazaré Ramos Batos Rodrigues e aos Professores, Doutores e Mestres, Adriana Maria Cruz dos Santos, Anibal José Pacha Corrêa, Francisco Edilberto Barbosa Moreira, Cláudia do Socorro Gomes da Silva, Cláudio Christiano Chaves das Mercês, Larissa Latif Plácido Saré, Ana Karine Jansen de Amorim, que ao me ver em qualquer ambiente dentro ou fora da faculdade, questionavam e incentivavam a concluir o curso, também acompanhando, apoiando e acreditando no meu fazer artístico, assim como o Prof. Dr. Adriano Penha Furtado que de muito bom grado aceitou ser meu orientador, pegou no meu braço e disse que juntos iríamos conseguir finalizar a tempo, assim fazendo eu perder meu medo com a escrita, me fazendo enxergar que tudo o que eu precisava já estava pronto, precisava apenas de um ponta pé inicial. Não esquecendo também os agradecimentos por todos aqueles que entraram em minha vida durante este período do curso e da vida artística, especificamente Jean Negrão, Leandro Trindade e Ledyane Paixão, meus irmãos de santo, meus amigos e confidentes, que puxam sempre que possível minha orelha em relação a vida e aos estudos. Aos teimosos amores por mim vividos agradeço aos erros e aprendizados que me fizeram por duras penas amadurecer um pouco. Agradeço aos meus familiares, ao meu avô Nabor Jardim Corrêa pelos ensinamentos, minha avó Maria das Graça Silva Corrêa pelo alimento que me nutri, a minha tia Rosa Alice Castro Silva pela dedicação a mim, a minha tia Vera Lucia Castro Silva pela confiança e persistência, ao meu irmão Caio Ivo Corrêa Gomes pelas brigas que me divertem e pelo teu foco por ter conseguido se formar primeiro que eu, aos meus pais Márcia Leticia Silva Corrêa e Leonardo Texeira Gomes por todo planejamento e investimento a mim feito, espero dar orgulho a vocês por me amarem e me aceitarem do jeito que sou, aprendendo sempre uns com os outros. Por último, mas não menos importante a Santo Antônio, Exu, minha senhora Iemanjá, mãe Jarina, dona Maria Padilha e a todos meus encantos por abrirem meus caminhos, trazendo e levando tudo o que me diz respeito e nunca me abandonando mesmo nos momentos de afastamento, graças a força de vocês encerro esse ciclo de 9 anos dentro dessa instituição.

RESUMO

O presente estudo insere-se no campo das artes cênicas e da performance, tomando como objeto a construção da persona drag queen Aphrodite, por meio da pesquisa teórica e prática intitulada “Aphrodite, shantey você fica: a sagrada performatividade cênica, coletiva e memorial de uma drag queen”. A pesquisa problematiza como as memórias e vivências de um corpo marcado, pela heteronormatividade compulsória, podem ser ressignificadas como potência artística. O objetivo deste trabalho foi analisar a performatividade cênica e memorial da persona, compreendendo como o resgate afetivo de acervos pessoais atua na reconstrução de identidades dissidentes. A metodologia adotada possui caráter qualitativo e fundamenta-se na autoetnografia performática e memorialística. O percurso metodológico estruturou-se a partir da visitação e construção afetiva de um álbum fotográfico pessoal legendado, servindo como dispositivo de análise e reflexão sobre trajetórias familiares, espirituais e artísticas. O referencial teórico ancora-se nos conceitos de corpo-tela, de Leda Maria Martins, e de performatividade de gênero, de Judith Butler. A partir deste cruzamento, o trabalho propõe o conceito de “drag-memória”, definido como uma tecnologia afetiva que transmuta o corpo vivo do artista em linguagem estética. Os resultados apontam que a performance de Aphrodite transcende a interpretação do “outro” ao assumir o controle da própria projeção, resultando em uma interconectividade de subjetividades. Introduce-se, ainda, a noção de “estética da transmutação”, onde formas e motivações se repetem ciclicamente. Conclui-se que o corpo drag, enquanto corpo-tela, reinscreve saberes ancestrais e afetivos no espaço cênico, reafirmando o potencial das escritas de si como ferramentas de resistência política e partilha coletiva.

Palavras-chave: aphrodite; corpo-tela; drag-memória; cênica; performatividade.

ABSTRACT

This study is part of the field of performing arts and performance, focusing on the construction of the drag queen persona Aphrodite through theoretical and practical research titled “Aphrodite, shantey you stay: the sacred scenic, collective, and memorial performativity of a drag queen.” The research problematizes how memories and experiences of a body marked by compulsory heteronormativity can be resignified as artistic potential. The objective of this work was to analyze the scenic and memorial performativity of the persona, understanding how the affective rescue of personal archives acts in the reconstruction of dissident identities. The adopted methodology is qualitative and based on performative and memorialistic autoethnography. The methodological path was structured from the affective visitation and construction of a captioned personal photo album, serving as a device for analysis and reflection on family, spiritual, and artistic trajectories. The theoretical framework is anchored in the concepts of body-screen, by Leda Maria Martins, and gender performativity, by Judith Butler. From this intersection, the work proposes the concept of “drag-memory,” defined as an affective technology that transmutes the artist's living body into aesthetic language. The results indicate that Aphrodite's performance transcends the interpretation of the “other” by taking control of one's own projection, resulting in an interconnectivity of subjectivities. Furthermore, the notion of “aesthetics of transmutation” is introduced, where forms and motivations repeat cyclically. It is concluded that the drag body, as a body-screen, reinscribes ancestral and affective knowledge in the scenic space, reaffirming the potential of self-writings as tools for political resistance and collective sharing.

Keywords: aphrodite; body-screen; drag-memory; scenic; performativity.

SUMÁRIO

1. PREPARAÇÃO DA PELE.....	10
2. FUNDAMENTO	12
2.1 A Construção da Imagem: Entre a Norma e a Tela	12
2.2 A Partida: O Corpo Prometido e a Imagem Idealizada.....	13
2.3 Entre o Matriarcado e o Mercado: As Fronteiras do Olhar.....	15
2.4 O Laboratório das Afetividades: A Construção do Corpo-Tela	20
3. ILUMINAÇÃO	23
3.1 Do Altar ao Palco Parte I: A Fissura na Norma	23
3.2 A Genealogia do Brilho: As Artistas que Me Teceram	24
3.3 Do Altar ao Palco Parte Final: A Espiritualidade como Eixo do Corpo-Tela	25
4. CONTORNOS	26
5. A – C – A – B – A – M – E – N – T – O!	78
REFERÊNCIAS	80

1. PREPARAÇÃO DA PELE

A arte **DRAG**, historicamente, consolidou-se como uma linguagem de subversão, ocupação do espaço público e reconfiguração das identidades de gênero. Desde as convenções do teatro elisabetano, onde o cross-dressing era uma necessidade técnica, passando pelas marginalizadas subculturas dos balls estadunidenses até o protagonismo político nas revoltas de Stonewall, a prática **DRAG** transmutou-se de uma convenção cênica para um potente instrumento de resistência. Na contemporaneidade, essa arte deixou de ser apenas a mimese do feminino para tornar-se uma forma complexa de teatro-performance, na qual o **CORPO** do artista funciona como uma **TELA** viva de suas **MEMÓRIAS**, dores e vivências.

É nesse cenário de expansão da linguagem performativa que a cena **DRAG** paraense se insere, apresentando contornos singulares. Ao dialogar com o imaginário amazônico, a estética popular e as tensões socioculturais próprias da região, a **DRAG** paraense não apenas ecoa as tendências globais, mas as ressignifica através de uma identidade local visceral, mas conhecida como “As Themônias”. É neste contexto, que transita entre o global e o regional, que surge a persona Aphrodite.

Longe de constituir-se como uma persona caricata ou uma figura restrita ao entretenimento superficial, a construção de Aphrodite opera como uma extensão do íntimo do artista, uma armadura psicológica e criativa que viabiliza o enfrentamento da realidade. É precisamente a partir desse entrelaçamento entre afeto, **MEMÓRIA** e visualidade que a persona ganha **CORPO**. Embora concebida inicialmente sob a influência estética da cultura pop e dos reality shows norte-americanos, Aphrodite consolida-se e adquire densidade ao canalizar e ressignificar experiências afetivas reais, transmutando dores, paixões e desilusões amorosas em potência cênica. Trata-se da materialização de um processo de pesquisa-criação do conceito '**DRAG-MEMÓRIA**', que é desdobramento do conceito de **CORPO-TELA** proposto por Leda Maria Martins (2021) por meio do qual investiga-se como as vivências íntimas, de ordem familiar, amorosa e emocional, convertem-se na matéria-prima essencial da performance. Nesta investigação, o Sagrado estabelece-se como fundamento teórico e tema estruturante, manifestado na transição ritualística do "corpo prometido" da infância para a autonomia espiritual da cena drag. Longe de ser um método de trabalho, o Sagrado é compreendido aqui como uma tecnologia

de presença e ancestralidade que opera no tempo espiralar, permitindo que o artista acione matrizes devocionais e rituais para transmutar dores biográficas em potência cênica e revelação estética através de Aphrodite.

Diante dessa relação intrínseca entre o criador e a criatura, emergem tensionamentos centrais para a compreensão do fazer artístico contemporâneo. Torna-se imperativo investigar de que maneira os traumas biográficos e as oscilações sentimentais interferem no processo criativo, agindo como propulsores da execução cênica. Diante disso, delinea-se o problema central desta pesquisa: de que maneira as memórias afetivas e as vivências biográficas do artista se inscrevem no "Corpo-Tela", convertendo-se em matéria-prima para a construção performática da drag queen Aphrodite na cena contemporânea paraense? Buscar essa resposta implica compreender se a maturidade artística reside justamente na habilidade de acolher a vulnerabilidade emocional e convertê-la em linguagem estética, seja através do drama, da comédia ou do movimento pop cênico.

A justificativa para a realização deste estudo reside no compromisso de transpor a investigação teórica para o campo prático e performático. Levar as vivências íntimas e as experiências afetivas para a reflexão escrita configura-se como um ato de validação conceitual da própria "**DRAG-MEMÓRIA**". Para tanto, este estudo fundamenta-se metodologicamente no campo da Pesquisa-Criação em Artes Cênicas, adotando uma abordagem qualitativa de caráter autobiográfico. A investigação se estrutura a partir da recuperação de memórias pessoais e da organização de um álbum visual de caráter descritivo e memorial. Esse acervo funciona como um inventário de imagens acompanhadas por relatos e notas descritivas, que contextualizam historicamente as redes de afetos, as genealogias artísticas e as vivências que contornam a trajetória e a estruturação da performatividade de Aphrodite.

Desse modo, o presente estudo dedica-se a investigar poeticamente os mecanismos de criação de Aphrodite, analisando como o seu acervo de **MEMÓRIAS** pessoais interfere diretamente na constituição da cena e na estruturação da sua performatividade, e demonstrando poeticamente a criação de uma performance cênica a ser realizada no ato de defesa deste trabalho, utilizando o próprio **CORPO** como a **TELA** viva e o território final da investigação.

Ao percorrer a trajetória da persona, a pesquisa propõe uma abordagem que rompe as fronteiras tradicionais entre o sujeito e a personagem, concebendo o teatro como o espaço liminar onde o arquivo vivo de uma vida ganha **CORPO**, voz e cena.

2. FUNDAMENTO

2.1 A Construção da Imagem: Entre a Norma e a Tela

A presente investigação propõe uma reflexão sobre o **CORPO** em performance, articulada a partir do conceito de "**CORPO-TELA**" uma superfície de mediação, projeção e resistência. Para compreender a natureza dessa construção, é necessário, primeiramente, mapear as forças que moldam o sujeito antes da entrada em cena. Assim, este trabalho ancora-se nas noções de heteronormatividade compulsória e performatividade de gênero como eixos centrais de análise das tensões que atravessam a existência e a prática artística.

A heteronormatividade compulsória, conceito sistematizado pela escritora e teórica Adrienne Rich em seu ensaio Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (1980, p.11-15), “Estabelece-se como uma estrutura coercitiva que dita a heterossexualidade não apenas como uma orientação, mas como uma instituição política obrigatória”. Essa estrutura opera na invisibilidade, forçando o sujeito a reproduzir comportamentos que sustentam a manutenção de um padrão binário, que, por sua vez, tenta silenciar as potências dissidentes.

Nesse cenário, a teoria da performatividade de gênero, desenvolvida pela filósofa Judith Butler em sua obra seminal Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade (1990, cap. III, p. 194-199), oferece a ferramenta analítica fundamental: “O gênero não é uma essência biológica ou psicológica, mas um efeito de ações estilizadas e repetidas exaustivamente no tempo”. Butler argumenta que, ao repetir essas normas, o sujeito acaba por naturalizá-las; contudo, essa mesma repetição carrega em si a possibilidade de falha e de reinterpretação.

É aqui que o "**CORPO-TELA**" encontra sua potência crítica: ao reconhecer que o gênero é performativo, a performance **DRAG** não se apresenta como uma "mentira", mas como a exposição consciente da própria construção. Ao adotar o conceito de Leda Maria Martins como essa "**TELA**", busco não apenas mimetizar um gênero, mas utilizar meu **CORPO** como o “Suporte onde **MEMORIAS**, afetos e resistências são projetados,

subvertendo as expectativas da norma” (2021, cap. VI, p. 79). A seguir, apresento relatos de vivências que ilustram como essa transição da norma para a **TELA** se materializa na prática, revelando os processos de subjetivação que emergem no ato performativo.

2.2 A Partida: O Corpo Prometido e a Imagem Idealizada

A transição entre o que a norma espera e o que a performance revela não ocorre no vácuo; ela se enraíza nas primeiras camadas da subjetividade, onde o **CORPO** ainda é uma superfície de projeções e exigências silenciosas. Antes mesmo de ter consciência da teoria ou do peso da performatividade de gênero, meu **CORPO** já era um espaço de escrita alheia, um território idealizado por uma estrutura familiar que buscava, em minha existência, a manutenção de uma normalidade coreografada.

Contudo, a finitude impôs-se precocemente. A fragilidade biológica, ainda nos primeiros meses de vida, converteu meu **CORPO** em um altar de sobrevivência. Ao emergir do limiar entre a vida e a morte, fui, por meio de um pacto de fé, "entregue" — prometido a Santo Antônio (Figura 1). O ritual anual do mingau, oferecido todo dia 13, transformou minha trajetória em uma crônica de trocas simbólicas entre o humano e o divino. Tornei-me, assim, um "corpo prometido": um sujeito cuja existência estava atrelada a uma dívida de gratidão e a uma imagem de pureza que, inconscientemente, a heteronormatividade compulsória viria a exigir como norma inegociável.

Essa promessa instalou, desde a infância, o primeiro código de vigilância sobre a minha **TELA**: o **CORPO** não me pertencia inteiramente, pois estava sob o olhar de um sistema que demandava a performance de uma identidade intocável.

Figura 1 – Dia de Santo Antônio



Aos 3 anos, eu vestido de frade na Igreja dos Capuchinhos no dia de Santo Antônio, era o segundo ano de entrega de mingau.

Fonte: Acervo Pessoal (2001)

Todavia, é nas rachaduras dessa imagem idealizada que a vida pulsa, como diz Halberstam, “Que o fracasso nos trará inevitavelmente emoções negativas, mas, junto delas, também a possibilidade de criar fissuras na positividade tóxica contemporânea, com direito a preservar um pouco da anarquia e da indisciplinaridade infantil”. (2020, *apoud ALLEGRETTI*, 2020, p. 258)

Ao retornar à casa da minha avó — este mesmo solo onde habito até hoje —, o tempo se dobra e revela a cena primordial. Ali, entre as paredes que guardam os ecos de tantas gerações, as reuniões em família eram marcadas pela convivência com minhas primas. Entre os CDs do grupo Rouge e a escolha de personagens em nossas reuniões, o desejo de habitar aquele imaginário não era um capricho, mas uma necessidade de existir. Eu queria ser uma delas, performando aquela estética, ocupando aquele espaço de voz e movimento.

No entanto, essa tentativa de pertencimento era atravessada por um silêncio denso. Quando o menino — aquele que a família via como o milagre de Santo Antônio, o ser planejado e resguardado pela promessa — ousava ensaiar tais gestos, o ambiente parecia contrair-se. Sentia, então, o peso do “olhar de canto”: o olhar que observava a minha experimentação não como uma brincadeira de criança, mas como um desvio, uma ameaça à integridade da promessa que me cercava.

Aquele olhar estranhado pelo adulto era a materialização da heteronormatividade compulsória tentando reprimir o que já se manifestava como potência. Sem saber, naquele momento, eu realizava o meu primeiro ensaio de performatividade de gênero. Eu não estava apenas brincando de ser uma das integrantes do Rouge; eu estava, com toda a coragem que uma criança possui, rasgando a **TELA** pré-definida pela idealização familiar para pintar, com cores próprias, a primeira versão de mim mesmo. Aquele menino que quase morreu, mas que sobreviveu para o altar da família, começava, ali, no espelhamento do outro, a morrer um pouco para a norma.

2.3 Entre o Matriarcado e o Mercado: As Fronteiras do Olhar

Se a minha subjetividade encontrou terreno fértil na casa materna — um ambiente fundamentalmente matriarcal, onde a força das mulheres desenhava os contornos do meu existir —, a experiência com a família paterna (Figura 2), trazia um contraste desconfortável. Embora também regida por uma matriarca, aquele núcleo era atravessado

por uma predominância masculina quase onipresente. Ali, em meio a tantos filhos homens, eu habitava um não-lugar: sentia-me, muitas vezes, em suspenso, preso em uma engrenagem onde a minha presença parecia não encontrar o seu devido acolhimento, diferenciando-se drasticamente da fluidez que eu experimentava ao lado da minha mãe e de minhas tias.

Figura 2 – Família Paterna



Aniversário da minha avó paterna “Nonôda”, localizada ao lado de seus filhos em sua casa, estou no colo de meu pai ao lado de minha avó no canto superior esquerdo.

Fonte: Acervo Pessoal (2003)

No entanto, a casa da minha mãe, apesar de ser esse útero de acolhimento feminino, possuía em seu centro uma figura masculina de peso: o meu avô materno Nabor, peixeiro de renome na Feira do Ver-o-Peso. Ele é o meu pilar de força, o patriarca dessa estrutura matriarcal (Figura 3). Esta relação de afeto trazia consigo um peso específico. Ao acompanhá-lo ao mercado, onde a virilidade é performada na lida diária e no grito das bancas, o ambiente tornava-se um terreno de vigilância

Figura 3 – Família Materna



Comemoração do meu aniversário de 27 anos no terreiro Eira de Mina de Barbara Soeira. Meu avô materno de vermelho e chapéu ao meu lado esquerdo e ao seu lado esquerdo estão minha avó, minha tia Rosa e ao seu lado minha tia Vera, entre minha tia Rosa e minha avó está minha prima, do meu lado direito de vermelho esta minha mãe. A primeira vez que meus avós vão ao terreiro.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Eu, seu neto homem mais velho da parte da minha avó, carregava sobre os ombros a responsabilidade do espelhamento. Ali, no coração do Ver-o-Peso, a heteronormatividade compulsória não era apenas uma teoria, mas um ambiente hostil. Eu compreendia, com a sensibilidade de quem precisa sobreviver, que o meu **CORPO** não podia se permitir o erro. Eu imitava os trejeitos da norma — uma "performance de proteção" — não apenas por mim, mas por ele. Tentava blindar o meu avô da maledicência e das piadas que espreitavam a masculinidade nos espaços públicos; forjava gestos e posturas para que o neto do peixeiro, permanecesse intocável perante o olhar alheio.

Figura 4 – Avô Gigante



Feira do Ver-O-Peso

Eu e meu avô na feira de Ver-O-Peso após alguns anos sem ir lá devido ao AVC. Rotina que temos juntos desde a minha infância até os dias atuais.

Fonte: Acervo Pessoal, (2026)

Naquela cena, o meu **CORPO** operava como um escudo. Eu aprendi, ainda cedo, a separar as águas: dentro da casa materna, o **CORPO-TELA** era uma superfície de descoberta; no Ver-o-Peso, ao lado do meu avô, o **CORPO** tornava-se um artefato de ocultação. Essa dissociação forçada, entre o menino que florescia no refúgio e o neto que se camuflava sob o sol do mercado, ilumina hoje a complexidade da minha **DRAG QUEEN** Aphrodite.

Assim como em Belém as águas doces e salgadas se misturam, a Aphrodite é a coragem de trazer para a cena a potência que eu era obrigado a mascarar, transformando o que antes era ocultação em revelação artística.

2.4 O Laboratório das Afetividades: A Construção do Corpo-Tela

Enquanto o mundo exterior, especialmente o do mercado, exigia de mim a camuflagem, o interior da casa materna funcionava como um laboratório de projeções. Era ali, no coração do matriarcado, que eu preparava a superfície do meu **CORPO-TELA**, imprimindo nele as marcas que, anos mais tarde, comporiam a identidade visual e afetiva de Aphrodite.

Minha mãe é a nascente dessa estética; nela, observei a vaidade como uma forma de existir, uma elegância que transcendia o cotidiano do trabalho exaustivo. Foi através de seu exemplo que compreendi que a beleza não é apenas um adorno, mas uma postura diante da vida. Na ausência da rotina de labuta de minha mãe, encontrei em minhas tias o complemento dessa composição. Minha tia Rosa, segunda mãe e porto seguro, foi meu maior incentivo artístico; foi ela quem nutriu o meu traço no desenho e o meu movimento na dança, observando a bailarina que ela própria era e incentivando a minha vocação. Com minha tia Vera, aprendi a virtude da persistência e da criatividade tática: a lida constante, o fazer que não se interrompe. Nela, observei que a falta de recursos não é um limite, mas um convite à gambiarra — essa inteligência prática de consertar e adaptar o mundo às necessidades. Hoje, transponho essa capacidade de resolver problemas e de criar soluções inesperadas para os processos de montagem do meu **CORPO** e dos meus adereços, onde o imprevisto se torna estilo.

Nas viagens a Mosqueiro (PA), encontrei um dos meus primeiros espaços de liberdade. Entre o karaokê e a convivência com meus primos, aquele ambiente de veraneio era o palco onde a minha **TELA**, pela primeira vez, não precisava pedir licença para receber novas cores. Eu não buscava a técnica do cantor, mas a liberdade da dança; era ali que eu me libertava, que eu dançava e experimentava ser quem eu, genuinamente, sentia ser.

Um marco indissociável dessa trajetória ocorreu durante o tratamento de câncer de minha tia Rosa. Quando ela precisou raspar a cabeça, a solidariedade de minha família se manifestou em um gesto de rasura: meu irmão e eu também raspamos as nossas cabeças.

Foi naquele momento de fragilidade e afeto que tive meu primeiro contato com uma peruca. Aquela peça, que antes pertencia ao campo do lúdico, tornou-se, pela primeira vez, uma extensão da nossa humanidade e um símbolo de cuidado.

Figura 5 – Primeira Peruca



Após 16 anos de ter vencido o câncer minha tia reencontrou em casa sua peruca.

Fonte: Acervo Pessoal (2019)

E, no centro de tudo, minha avó. O afeto dela não se traduzia em palavras, mas em uma presença sensorial que se projetava sobre mim: o cheiro, o cuidado e, sobretudo, o alimento. Esse “amor bruto”, que se manifesta na oferta da comida, tornou-se a textura base do meu **CORPO-TELA**. Hoje, quando alimento aqueles por quem tenho afeto, repito

o gesto de minha avó; é uma forma de cuidado que atravessa gerações e que, transposto para a performance, torna-se a base do acolhimento que projeto através de Aphrodite.

Essas mulheres não foram apenas familiares; elas foram as arquitetas das minhas primeiras projeções. O que hoje chamo de Aphrodite é a síntese dessa superfície que aprendi a manipular. Não é uma personagem criada do zero, mas o meu **CORPO-TELA** que, nutrido pela elegância da minha mãe, pelo incentivo artístico da tia Rosa, pela persistência da tia Vera e pelo amor-alimento da minha avó, converge para a performance. Aquele menino que fingia ser uma estrela com uma toalha na cabeça já intuía que, para ser artista, era preciso compreender que o meu próprio **CORPO** seria a **TELA** onde a história de todas aquelas mulheres que me habitaram encontraria, finalmente, sua forma. Onde reverbera nas minhas relações na coletividade artística e afetiva entre as Themonias, (BENTES, 2019, p. 65-80), e mais precisamente, dentro da Haus Of Híbrida.

Figura 6 – Matrizes Afetivas



Tia Vera



Mãe Marcia



Vovó Graça

Na primeira imagem a esquerda sou eu no colo de minha tia no meu aniversário de 19 anos em casa no ano de 2018; na imagem central, temos minha mãe me abraçando, após uma apresentação de dia das mães no teatro da Igreja dos capuchinhos no ano de 2008; por

último a direita, eu abraçando minha avó em casa no seu festival do açaí de aniversário no ano de 2019.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

3. ILUMINAÇÃO

3.1 Do Altar ao Palco Parte I: A Fissura na Norma

A transição para o universo do teatro, após anos de atuação nos espaços paroquiais, foi o início de uma busca por uma linguagem que o sagrado já não comportava. O teatro de igreja, embora tenha sido meu primeiro laboratório, revelava-se como um lugar de silenciamento, onde o desejo de ser quem eu era esbarrava na rigidez do dogma. Foi ao ingressar na faculdade de teatro que o chão, antes sólido, começou a trepidar sob meus pés. Esse processo, contudo, não foi linear; foi atravessado por percalços e feridas abertas, especialmente na relação com minha família. A descoberta da minha homossexualidade em um ambiente de não-pertencimento tornou-se um processo traumático, uma fratura que exigiu de mim e dos meus, sobretudo de minha mãe, uma desconstrução árdua e dolorosa.

No entanto, o destino reserva encontros que reescrevem trajetórias. No processo de seleção para o curso em Teatro, performei a música “Espumas ao Vento”, na versão de Elza Soares e fui selecionado. Logo no primeiro dia de aula, fui arrebatado por uma apresentação de acolhida. Era Gigi Híbrida, performando a mesma música. O impacto não foi imediato; ele foi um mergulho no tempo. Aquela música me transporta instantaneamente para os meus quatro anos de idade e para a imagem de Inaura, a personagem do filme *Lisbela e o Prisioneiro* (2003). Eu via em Inaura a mulher dramática, louca por um amor impossível, uma figura que, em sua intensidade, me fascinava e me aterrorizava na mesma medida.

O choque, porém, ainda não estava completo. Logo após o show, ao circular pelo espaço, reencontrei Shayra Brotero, coreógrafa que acompanhou meus passos ainda no ensino médio. Ao vê-la montada, a associação foi inevitável: reconheci na figura da **DRAG** a professora que me guiou na dança. A imagem da mulher dramática de Inaura, a voz de Elza Soares e a materialidade da **DRAG** que eu via diante de mim convergiram.

Esse intercruzamento me leva a construção desse trabalho de conclusão de curso, onde através do meu encantamento pela performatividade cênica que vi, os meus atravessamentos coletivos e minhas memórias são utilizadas com arcabouço para a construção da **DRAG QUEEN** Aphrodite

3.2 A Genealogia do Brilho: As Artistas que Me Teceram

O meu **CORPO-TELA** não é uma construção isolada; ele é, antes de tudo, um território onde outras trajetórias se inscreveram. Inicialmente, eu nutria uma resistência convicta: ser um artista **DRAG QUEEN** não fazia parte dos meus planos, era um horizonte que eu preferia ignorar. Contudo, o destino tece suas redes pelo afeto, e foi a partir de um desejo pulsante por um rapaz que, na época, encarnava a Verônica Furacão, que a minha curiosidade se abriu. Ao ver aquela criatura, fui tomado por um interesse que transcendeu a admiração pelo outro e plantou em mim a semente do que eu viria a ser.

Foi a partir da vivência com esse rapaz, que carregava em si o turbilhão que o nome sugeria, que fui batizado na arte **DRAG**; O batismo do meu nome, porém, nasceu do meu próprio fervilhar: eu como um Little Monster, fissurado pelo álbum ARTPOP, de Lady Gaga, almejava ser chamado de Vênus, devido a música em seu álbum. Verônica, contudo, ponderou sobre a existência de Ariel de Vênus em Belém, sugerindo assim Afrodite. Ela explicou que, na mitologia, tratava-se da mesma entidade — a deusa do amor e da beleza — que atende por Vênus na tradição romana e por Afrodite na raiz grega, surgindo das espumas do mar em um nascimento marcado pela beleza que se faz do caos. A ideia ganhou contornos de destino quando meu amigo, então montado como Lady Poison, sentenciou que a grafia com “ph” não era apenas uma escolha, mas uma invocação. O “ph” carrega a aspiração do sopro vital, o phi grego da proporção áurea que busca a harmonia divina e a elevação. Enquanto o “f” é plano e terreno, o “ph” é a frequência do sublime, uma assinatura que vibra com a força ancestral de quem se reinventa com a precisão dos deuses.

Após o batismo, a minha jornada reencontrou-se com Lili DeVerrô. Eu a conheci muito cedo, aos treze anos, quando a via apenas como um ator, oficineiro e diretor de teatro. Mas foi somente ao completar dezoito anos que a vida revelou a camada oculta dessa artista: descobri nele a potência **DRAG**. Com ela, a fronteira entre o ator e a persona tornou-se porosa; observar sua montagem era uma aula de como a técnica teatral poderia ser esculpida na própria pele, um mergulho profundo na dimensão artística.

Contudo, foi o encontro com Gigi Híbrida que mudou o eixo da minha existência artística. Se na faculdade ela foi a artista que me arrebatou ao som de “Espumas ao Vento”, na vida ela se tornou o meu porto seguro. Após as rupturas que marcaram as minhas trajetórias, foi Gigi — tanto na figura de Jean Negrão quanto na de sua persona artística — quem me acolheu. Ela não me orientou apenas no palco; ela me carregou com um afeto que ajudou a curar minhas crises e a amadurecer minha visão de mundo.

Gigi foi a guia que me conduziu à minha espiritualidade, um caminho de autoconhecimento que passou a habitar também o meu fazer **DRAG**. Foi ela quem me abriu as portas da cena paraense, apresentando-me às minhas irmãs: Condessa Devonriver e Monique Lafon. Ao conviver com essas artistas, percebi que a arte **DRAG** é um caleidoscópio; observar as vertentes tão distintas de Condessa e Monique me ensinou que o **CORPO-TELA** pode assumir infinitas formas, desde que seja autêntico.

Essas **DRAGS** — Verônica, Lili, Gigi, Condessa e Monique — são os pilares que sustentam a minha linhagem. Cada uma deixou uma marca na minha superfície: a coragem do batismo, a disciplina do teatro, a cura espiritual e a diversidade da cena. O meu **CORPO-TELA** é, portanto, um palimpsesto; nele, a elegância da minha mãe, o cuidado da tia Rosa, a persistência da tia Vera e o amor-alimento da minha avó convergem com a ancestralidade dessas artistas. Eu não apenas aprendi a me montar; eu aprendi a me compor através do espelhamento dessas trajetórias que me deram não apenas um palco, mas um lugar no mundo.

3.3 Do Altar ao Palco Parte Final: A Espiritualidade como Eixo do Corpo-Tela

A compreensão de que o meu **CORPO-TELA** não se esgota na materialidade biológica encontra seu ponto de inflexão na vivência espiritual. Se, como propõe Leda Maria Martins, o **CORPO-TELA** é uma superfície de inscrição de subjetividades que se atualizam no tempo, a minha entrada na missão do Tambor de Mina — coincidentemente no dia consagrado a Exu — não é um evento episódico, mas a ativação de uma estrutura de **MEMÓRIA** ancestral. O sincretismo que associa Santo Antônio a Exu resolve o conflito entre o “corpo prometido” da infância e a autonomia performativa da maturidade: Exu, o orixá que opera a mediação, o senhor da comunicação e da abertura de caminhos, torna-se o arquétipo teórico que rege o meu fazer. Como o ir e vir das ondas de senhora

Iemanjá, que leva todos os percalços por mim vividos, transformando-os em matérias para a construção da persona e o reflexo das águas como do espelho de senhora Oxum, que não me faz esquecer, mas sim olhar para dentro de mim, reverberando toda essa força ancestral.

Sob essa ótica, o **CORPO-TELA** deixa de ser um espaço estático para se configurar como um dispositivo ritualístico. A performance **DRAG** transborda a lógica do entretenimento e passa a operar nos moldes da possessão controlada. Ao personificar Aphrodite, não estou apenas “interpretando”; estou exercendo uma tecnologia de presença que invoca a virilidade, a elegância e a potência das Pombagiras. Estas entidades, que habitam a encruzilhada entre o sagrado e o profano, fornecem ao meu **CORPO** a densidade simbólica necessária para romper com a norma heterossexual compulsória, que antes tentava restringir minha existência à passividade do “prometido”.

4. CONTORNOS

Neste terceiro capítulo, a teoria se materializa em imagem e **MEMÓRIA**. Entender a trajetória de Aphrodite exige reconhecer que sua face não nasceu pronta, mas foi sendo desenhada através de cada experiência, encontro e montagem. Como bem observa Vencato (2002, *apud* OLLIARI; ZAMBONI, 2021, p. 279), “Em relação às **DRAGS**, o processo de construção de uma personagem é gradativo e inovador, iniciando-se na primeira montagem e se reelaborando a cada vez que entra em cena algum aspecto relacionado ao fazer **DRAG**”.

É sob essa perspectiva de constante reelaboração que apresento o resultado dessa investigação em um álbum histórico-visual legendado. Longe de ser um catálogo exaustivo, as imagens aqui reunidas partem de um recorte estritamente memorial e afetivo, selecionadas por sua relevância vital e cênica na trajetória de Hugo. Este acervo funciona como um inventário que condensa e compila momentos marcantes da constituição mútua entre criador e criatura, revelando como as vivências biográficas do sujeito e a expressividade estética de Aphrodite se combinam e se retroalimentam. Para evidenciar esse jogo de espelhos, as notas descritivas alternam intencionalmente entre a voz masculina (Hugo) e a feminina (Aphrodite), convidando o leitor a habitar o diálogo constante e o limiar poroso que define essa existência híbrida. Mesmo não seguindo um percurso cronológico rígido, este mosaico captura a evolução técnica e a densa rede de afetos

composta por familiares, amigas drag queens e todos aqueles que ajudaram a contornar quem Aphrodite é hoje.

Figura 7 – Trajetória Do Ser



Essa disciplina foi a minha primeira do semestre da Licenciatura a ser concluída, ministrada pela professora Larissa Latif, simultaneamente eu havia finalizado a disciplina de maquiagem cênica do Curso Técnico em Teatro ministrada pelo Professor Claudio Didímano. Foi uma disciplina muito profunda, contar a nossa trajetória como artista, desde o nosso nascimento, com todos os percalços da vida através de um lençol era algo novo que eu experimentava, foi também a primeira vez que minha mãe me viu montada sem ser em uma festa junina da escola e foi a primeira vez que eu a representei em cena.

Fonte: Acervo Pessoal (2017)

Figuras 8 – Figurinista de berço



Anões da Branca de Neve



Roupas de sacola

Eu e meu irmão Caio Ivo que se encontra na primeira imagem a minha direita e na segunda imagem a minha esquerda, assistíamos com muita frequência o filme da Branca de Neve e os sete anões; a foto a esquerda, eu já muito criativo sempre me vestia e por consequência vestia ele também.

Fonte: Acervo Pessoal (2004)

Figura 9 – BODY-ODY-ODY-ODY-ODY



Minha mãe Márcia Leticia na
praia



Aphrodite na Festa CRUJ

O figurino é algo muito forte na construção da Aphrodite, mas uma de suas maiores inspirações é minha mãe como apresentado na foto a esquerda usando um biquini cavado; normalmente o estilo das roupas de show da Aphrodite são collants, muito cavados, trazendo toda a ousadia que um dia me foi podada, como na foto a direita feita na Festa CRUJ Edição Confessions II onde sou a drag residente.

Fonte: Acervo Pessoal (2026).

Figura 10 – 101 Aphrodites



Halloween Cruella DeVil



Aphro DeVil

A foto acima é referente ao uma inspiração e a um sonho que carrego desde a infância. O desejo de criar 101 Dálmatas, tal qual o filme de 1996, cresceu junto comigo, uma história onde uma mulher fashionista e apaixonada por casacos de pele, desejava realizar seu maior sonho, um casaco feito de dálmatas, isso junto a aventura vivida por filhotes de uma raça de cachorro muito intrigante. A foto a foi feita em uma festa de Halloween em um curso de inglês. Já no ano de 2022 onde eu já me encontrava figurinista e Drag Queen, foi feito um figurino, onde de maneira quase que automática o fiz semelhante, sem pensar o que ele poderia vir a resgatar, para uma apresentação minha na estreia da Quadrilha Cômica Sem Recalque.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 11 – O Leão Leopoldo / Signo de Leão



Leão Leopoldo



Aphrodite de signo de Leão

Na foto a esquerda feita no ano de 2007, eu participava das aberturas de jogos internos das minhas escolas, pois eu nunca praticava esportes, eu estava na terceira série e esse foi meu último ano na escola Novo Horizonte, ano que interpretei o Leão Espanhol Leopoldo, por uma enfermidade não pude participar dos ensaios, então eu precisei improvisar na hora a entrevista em espanhol com o dono do circo em uma quadra lotada; Na foto a direita feita no ano de 2019, conforme eu ia crescendo na cena drag da cidade, fui ganhando espaço em algumas produtoras, e uma delas era a Haus Of Shantey, que fazia eventos POP, eles precisavam de uma drag queen para substituir a drag Luka Cortez. Eu fui a drag queen indicada e permaneci na produtora até seu fim. Nesse ano o tema sugerido por mim foi os Signos do Zodíaco, onde eu escolhi o de Leão, que é o signo que rege a Aphrodite. Essa edição também foi marcada pelo pedido de namoro de Veronica Furacão feito a mim logo após uma batalha de lip Sync onde eu disputei ao som de “Bad Romance” da Lady Gaga.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 12 – O Cabaré de Sachenka Levchenko



Logo quando eu comecei a me montar de fato com minha irmã Muriel De La Mar, na época Sophia Darem na primeira imagem no canto inferior a direita, eu não saía para festas, até surgir o Cabaré da Diva, festa de aniversário de Sachenka Levchenko, no dia 11 de agosto de 2018. Era minha primeira vez em uma festa, era minha primeira montagem real e minha primeira batalha de lip Sync. Eu estava nervosa, nunca tinha visto tanta drag, e foi nesse evento que conheci Madeusa Umbreon e Miúda Danvers que se encontram juntas no canto superior a esquerda, drags essas que nasceram junto com Muriel, em uma oficina de drags ministrada pelas Themonias. No fim da noite, aquela que nunca havia experimentado uma festa, ganhou seu primeiro título, cem reais e uma lente de contato, nascia Aphrodite, a concurseira.

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Figura 13 – TikTok Drag Sync 2



O maior e mais difícil concurso, o TikTok Drag Sync 2 veio logo após eu desistir de me montar, ele foi o ar que me soprou quando eu achava que não tinha mais o que respirar, foi através dele que eu vi que não valia a pena abrir mãos dos seus sonhos por uma dependência emocional, foi onde conquistei meu lugar nacionalmente, a drag queen paraense que queria mostrar sua força para o mundo inteiro, era eleita vice-campeã de um concurso nacional de lip Sync.

Fonte: Acervo TikTok Brasil (2023)

Figura 14 – Noite Suja Drag Race



Durante 2020 na pandemia do COVID19, o Noite Suja resolveu mexer um pouco com as drags de plantão, e criaram o Noite Suja Drag Race. Eu acabei sendo infelizmente sendo a terceira eliminada pela Flor de Jambu, mas fui a quem teve o maior enredo: “A drag queen eliminada por ser boa demais”. Já no ano de 2024 acontecia o Noite Suja Fatality, onde uma das maiores rivalidades da cena drag da época, coisas comuns no meio drag aconteceu entre mim e Spindola a resposta veio em uma das batalhas de lip Sync mais esperadas da cena, onde eu saí vitoriosa, mas logo em seguida acabei sendo eliminada por Celeste Volúpia.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 15 – Dramática



Em um concurso de Halloween do Studio Garden no ano de 2018 onde eu havia perdido uma batalha em uma música dramática, não me conformava em não ter o domínio dramático, logo após fui convidada pelo Noite Suja a fazer um show natalino, foi minha primeira vez fazendo um show para o Noite Suja, onde eu decidi reviver uma montagem e com ela performar “Ave Maria” na voz da Beyoncé, assim me redimindo com as performances dramáticas. O Concurso Noite Suja Dramática, foi um marco na cena drag local, quem seria a drag com maior carga emocional em um show. A Haus Of Híbrida foi pódio, um dos maiores prazeres que tive em ser Vice-Campeã para a minha irmã drag que se encontra a minha direita, Monique Lafon, artista que me inspira corporalmente com suas performances. Foi a noite em que eu transbordei minhas dores e a primeira vez que minha família inteira me assistia montado

Fonte: Acervo Pessoal (2024)

Figura 16 – Ita Karalho Eu Não Tô Morta



O “Ita karalho” é um evento anual das Themonias, e nesse ano era minha estreia, na foto estão Gigi Híbrida minha mãe Drag no centro e com colar de crânios; Shayra Brotero, minha professora e coreógrafa do ensino médio, com a pele verde no canto superior ao lado esquerdo de Gigi; Ariel de Vênus minha madrinha drag, loira com o figurino de arco-íris no canto superior direito ao lado de Gigi; Pandora Riviera Raia no canto inferior direito da imagem, Ellen Moon Dark no lado superior esquerdo da imagem e Perséfone de Milo ao lado de Ellen Moon. E logo após o Ita Karalho descemos em MEGAZORD para a festa “Eu Não Tô Morta”, onde seria minha primeira festa como atração da noite.

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Figura 17 – ATRAQUE II



O Atrake 2 aconteceu em um dos momentos mais confusos emocionalmente, cheio de altos e baixos, estava em uma “Perfect Illusion” (Lady Gaga), antes do atrake acontecer e quando aconteceu foi um “Walking On Air” (Katy Perry), pois ali tinha não só me realizado no palco, mas no amor também, com já dizia minha performance. Devido a grandiosidade do show fui convidada a participar da Festa da Chiquita, um patrimônio cultural na cidade no mês de outubro, e eu como devoto de Nossa Senhora de Nazaré, recebi de braços abertos o convite de demonstrar da melhor maneira minha fé a “Nazinha”, já que fazia anos que eu não acompanhava o Círio com meus pais, o ano de 2019 dei início a uma grande tradição, fazer shows na Festa da Chiquita na noite da trasladação, e assim permaneço por 8 anos consecutivos.

Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Figura 18 – Bienal das Amazonas



A conquista grandiosa das Themonias foi o acontecimento da primeira Bienal das Amazonas, estávamos sendo vistas, ouvidas e o melhor, ocupando todos os espaços dessa cidade, e como “Fera Ferida” (Maria Bethânia) estávamos no “The Edge of Glory” (Lady Gaga). Foram as minhas performances mais coletivas que tive, uma com minha Haus Drag e a outra com minhas Tias Rosa e Vera no palco comigo.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Figura 19 – Rejeitada no Rejeita



Foto tirada no II Festival Rejeita que nasceu em contrapartida o Festival Aceita, que era um festival aconteceu na cidade no ano de 2024 e acabou por não abraçar os artistas da região. Nesse Festival Rejeita eu me senti “rejeitada” por não ter sido convocada, mas depois de compreender como havia sido idealizado a seleção, cheguei invadindo de um jeito bem “Brasileirinho” (Baby Consuelo), com minha parceira de “crimes” e irmã drag, Vallentina que se encontra no canto superior direito, drag queen cômica, em que muito me inspiro para quebrar minhas barreiras na comedia.

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Figuras 20 – AphroFacetada



AphroCarnavalesca



AphroHell



AphroWhite



AphroLhaça



AphroLenda



AphroRéptil



AphroTa



AphroDark



AphroTina

As fotos mostram como a vida como ator alimenta e se retroalimenta da drag queen em cena, as várias versões da Aphrodite com suas diversas nomenclaturas, fora as que são utilizadas conforme suas expressões, como “AphroChata”, mostram quão Híbrida ela pode ser. Na primeira linha a imagem a esquerda AphroCarnavalesca, é a versão de Aphrodite que surge no carnaval de 2025 pela Embaixada de Império Pedreirense; ainda na primeira linha a imagem a direita AphroHell, foram as três formas de Lillith, a “Serpente”, “Dona do Inferno” e “Enfermeira do Diabo”, em um Fashion Film de criação e direção de Jomaique Melo no ano de 2020, para além das personagens elas são de tal modo a versão má da “Aphro”; já na segunda linha imagem a esquerda AphroWhite, ou melhor dizendo Brittany e Tiffany Wilson, as famosas Branquelas, que ao longo desses 7 anos como Aphrodite me acompanham, ambas versões com personalidades totalmente diferentes, que ganham um extra quando Aphrodite as encarna em eventos particulares, abrindo um grande leque de possibilidades de ser fazer covers, graças a empresa Baleiros Badalados que me proporciona além de experiência, uma renda financeira; continuando na segunda linha a imagem a direita AphroLhaça, é a versão de Aphrodite que nasceu na pandemia da COVID19 em 2020 mais assustadora para mim, a comicidade, como drag queen e como ator arrisco em dizer que sou uma pessoa que não manter os dois pés dentro da comicidade, mesmo sendo algo que eu almejo fazer; na terceira linha a imagem a esquerda AphroLenda, nasceu junto com as histórias de lendas contadas e vistas pela região, mais precisamente assistidas na infância através de um programa de TV chamado “Catalendas”, que eu viria saber no futuro que dois grandiosos e importantes professores meus na faculdade, Aníbal Pacha e Adriana Cruz fizeram parte. O que se aprofundou ainda mais com as minhas vivências no Auto do Círio desde o ano de 2017; seguindo na terceira linha a imagem a direita AphroRéptil é para além de uma versão, ela é uma marca muito forte nos traços da maquiagem da Aphrodite, percepção que não apenas eu mais terceiros surgiram com a dúvida: “Porque a Aphrodite tem um rosto meio reptiliano?”; na quarta linha a imagem a esquerda AphroTa, são as maquiagens artísticas impensáveis que são propostas de terceiros, para realizar talvez a fantasia de ver de perto aquilo que eles mesmo não possuem a coragem de fazer, foto do ano de 2026; permanecendo na quarta linha a imagem a direita AphroDark é um resgate as minhas raízes artísticas nascida no halloween, data comemorativa essa que se fez muito importante em minha vida, pois era na mesma em que eu tinha total liberdade criativa para usar o que eu desejava; finalizando na quinta linha a imagem ao centro AhproTina feita no espetáculo Nas Noites de São João (2026) é a

Aphrodite atriz, aquela que por mais que esteja vivendo outros personagens – Na foto eu interpretava a Drag Vallentina dentro da cena.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 21 – Acadêmica



Pós Dissertação de Mestrado de Juliano Bentes



Finalização da disciplina Performance



Festa Junina do NPI

Na imagem que consta na primeira linha, após presenciar pela primeira vez uma dissertação de mestrado de uma Themonia, seguimos em MEGAZORD para comemorar a conquista de tão esperado EXECELENTE na feira do açaí, constam na imagem Skyssime, no canto superior esquerdo, Shayra Brotero no canto superior direito, Aphrodite no canto inferior esquerdo e Sarita Themonia no canto inferior direito; já na segunda linha a imagem tirada na parada de ônibus próximo a ETDUFPA, onde eu escolhi fazer minha performance visando os olhares das pessoas ao ver uma pessoa se montar na rua, a mercê de toda e qualquer eventualidade, intitulada “Todos Nascemos Nus”; na terceira e última linha, imagem feita no último dia de estágio supervisionado na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará NPI (Núcleo Pedagógico Integrado), culminou na minha liderança com coreografo de 10 turmas, onde eu pela primeira fui atravessado pela licenciatura, está a frente um grande número de crianças com a idade que eu tinha, me conectou de maneira profunda com a vivencia deles, foi uma das melhores experiências na Licenciatura em Teatro.

Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Figura 22 –Caravana Super Realness



Eu com 2 anos, com as bandeiras do Brasil
e do Pará



Aphrodite com 26 anos, representando o
Pará no Brasil

No ano de 2022 o pós pandemia foi marcado por algo que parecia ser um sonho inalcançável, a Aphrodite havia sido a primeira paraense a ser convidada para prestar testes para o Reality Show “Caravana Das Drags”, fui a única a chegar na fase final de testes no Rio de Janeiro (RJ), assim realizando minha primeira viagem sozinha para fora do estado, infelizmente não fui selecionada para compor o primeiro elenco; Já no ano seguinte 2023, foi um ano marcado por grandes oportunidades, em Julho fui concorrer o “TikTok Drag Sync 2” em São Paulo (SP) pela primeira vez no estado e sozinho sendo a única representante do norte no concurso, logo em seguida em Setembro, fui selecionado para uma “Mostra Cênica” em Campo Grande (MS) também pela primeira vez sozinho e levando a cena drag paraense; 2025, foi o ano das viagens, em Abril fui convidada para fazer parte do “Super Drag Brunch”, evento de grande renome na cidade de São Paulo, com o patrocínio de um grupo de arte Colombiano, para representar o estado do Pará e a Colômbia, ainda no mesmo ano alcançava mais uma meta, ao ser convidada a participar do maior festival drag da América Latina, o “The Realness Festival”, foi aí que mais uma vez pude levar a arte drag paraense a escala nacional de visibilidade através da minha drag. Mas a arte não é individual, e foi graças a coletividade de família e amigos, que pude alcançar esse objetivo, quebrando barreiras, que me lembravam em como no início minha família rejeitava meu fazer artístico, e como hoje eles me apoiam de maneira por inteira a minha arte. Foi um sentimento de orgulho e pertencimento, como quando eu ouvi e vi pela primeira vez minha mãe comentar com alguém e dizer: “Meu filho é artista, ele é uma Drag Queen”.

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Figura 23 – LADY GAGA



Foto do ano de 2025, durante o evento "Todo Mundo" no Rio de Janeiro, no "GagaCabana". Este foi um momento de consagração, meu primeiro show da Lady Gaga, assistido da área VIP. A jornada até este ponto foi longa, com começo em 2009, quando através de uma tia, fui apresentado a: “Uma cantora que usava uma peruca loira”, foi então que comecei a seguir sua carreira, inspirando-me e tendo minha história contada através de suas músicas. Toda a minha persona drag é baseada em Lady Gaga, e foi através dos meus próprios shows, dedicados à artista, que conquistei os recursos para garantir meu ingresso. Esta conquista, contudo, não foi um ato isolado, mas o resultado de uma grande rede de coletividade e apoio de amigos, familiares, grupos e produtoras de eventos de Belém, que me incentivaram e viabilizaram a realização desse sonho. Um momento de extrema sensibilidade antecedeu a entrada no show, realizei uma videochamada com minha mãe e tias para compartilhar a conquista daquele momento. Minha mãe, mesmo estando em Belém, acompanhou o show emocionada, gravando um vídeo desse momento de celebração compartilhada, o que tornou a experiência ainda mais íntima e conectada às minhas raízes. Além do apoio familiar, a composição desta imagem carrega uma escolha estética deliberada. Embora a era “Mayhem” pedisse trajes pretos, escolhi me montar como “Vênus”, uma referência direta à era ARTPOP, a verdadeira motivação para eu me tornar drag queen e adotar meu nome artístico. Esta foi a primeira vez, em cerca de sete anos, que me montei desta forma, já que não possuo registros da minha primeira montagem de Vênus, em 2018. O impacto foi imediato, ao estar completamente fora do contexto do evento com este visual, levei multidões à loucura, ativando nos fãs uma espécie de nostalgia ou contemplação, tornando este momento não apenas a realização de um fã, mas uma performance viva e compartilhada.

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Figura 24 – Haus Of Híbrida



Dinastia Drag



Espectáculo Filhas da Noite Suja

A primeira imagem feita no ano de 2022, nas gravações do primeiro reality de casas drag da américa latina, o Dinastia Drag, executado pelo coletivo Noite Suja. Foi um momento de muito afeto entre nós quatro, Monique Lafon de peruca azul no canto inferior na diagonal direita, Aphrodite de peruca rosa no canto inferior na diagonal esquerda, Condessa Devonriver de figurino vermelho no canto diagonal superior esquerdo e Gigi Híbrida com uma coroa no canto superior diagonal direita. Essa imagem é do episódio em que vencemos, fazíamos uma paródia de uma música apresentando nossa Haus; na segunda imagem abaixo já no ano de 2024, a haus está reunida para prestigiar as apresentações de Gigi Híbrida e Condessa Devonriver, no espetáculo “Filhas da Noite Suja” no teatro Margarida Schivasappa, estão presentes na imagem, da esquerda para a direita, Vallentina, Condessa Devonriver, Gigi Híbrida, Aphrodite e Muriel De La Mar, integrantes mais novas da haus; estão ausentes os seguintes integrantes, Amelia Wintour, Rincon Gaia, Ozias Xavier e Glaydyson Cardoso.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 26 – Condessa Devonriver Of Devonshire



Montação de Condessa Devonriver para um show na casa Apoena (2023)



Montação de Aphrodite para a primeira prova do Noite Suja Drag Race (2020)

Na imagem a esquerda, uma drag queen Themônia da Amazônia, uma Feiticeira Vampira Europeia que habita a floresta amazônica, assim é Condessa Devonriver minha irmã drag mais velha; rigorosa em seus ensinamentos, voltada sempre a busca da perfeição na arte, mas suave quando o assunto toca ao coração. Pesquisadora dos ensinamentos amazônicos e dona de uma maquiagem intuitiva, ela sobrepõe em seu rosto-tela. Minha irmã poliniza seus saberes para que, assim germinem futuros frutos. E, de maneira imersiva, aprendo tudo o que preciso saber quanto ao acionamento da força da natureza para a cena. Ao lado direito, meu registro do primeiro episódio onde me desafiei a ser totalmente diferente, foi quando acionei os saberes de minha irmã eu raspei minha cabeça coisa que eu não havia feito quando eu passei no vestibular, tudo isso para me montar de maneira intuitiva.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

Figura 27 – Gigi Híbrida



Hugo e Jean no terreiro

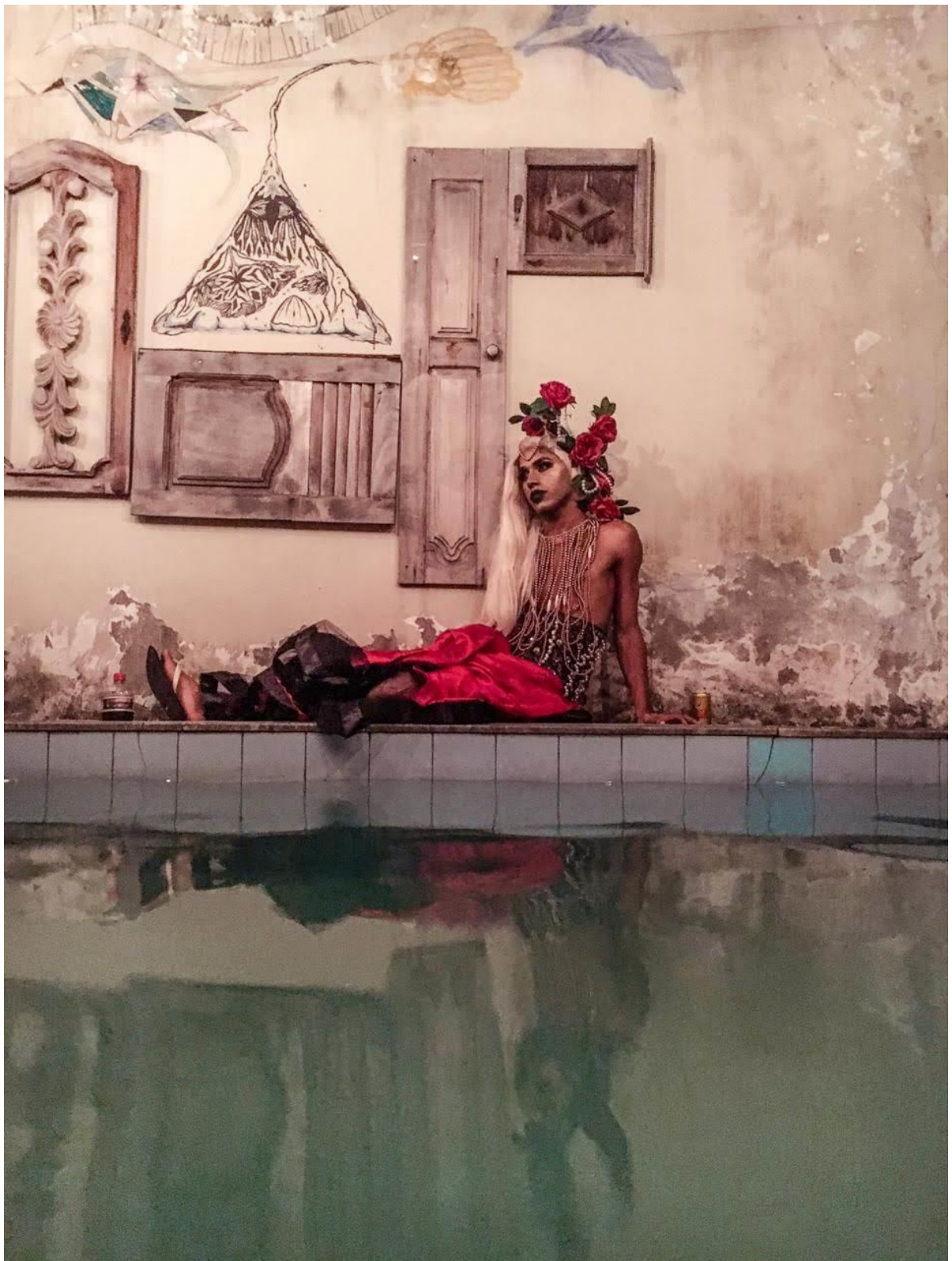


Gigi e Aphrodite no palco

No ano de 2017, quando ingressei na faculdade de teatro, foi Gigi Híbrida quem me recebeu, com a performance de “Espumas ao vento” na semana de calouros, e meses a frente foi Jean Negrão artista renomado na cidade de Belém, quem me incentivou a fazer parte do projeto de extensão da UFPA, Auto do Círio, e por consequência o que seria minha primeira oficina de figurino de reaproveitamento de matérias descartáveis. Já em 2019 nossa amizade se estreitou, quando ele me convidou para o ajudar em seu ateliê de carnaval. Ano esse que explodia na cidade de Belém uma ball semanal intitulada “flash pose”, que ocorria na já extinta boate 279, onde eu participava de maneira regular, contudo em dado período eu acabava deixando de me dedicar a montagem devido problemas de relacionamento, foi aí que ele de maneira “militar” — a qual também seria a categoria da ball na semana — me incentivou a estar presente, mesmo relutante quanto a minha participação, e foi durante o meu anúncio na categoria, que houve a surpresa: “E com vocês a mais nova representante da Haus Of Híbrida! A-PHRO-DI-TE!”. No seguinte ano de 2020, foi quando ele se fez de rede de apoio quando passei pelo meu primeiro término, eu ainda não havia passado por aquele momento em minha vida, que ocorreu durante o período de pandemia, como cuidado ele me instruiu a usar a arte drag como cura e me incluiu de forma prática a afro-religiosidade — A primeira imagem a esquerda registrada no dia 06 de setembro de 2020, eu, Hugo a esquerda e Jean a direita da imagem. Na segunda imagem a direita, registrada no ano de 2024, Gigi a esquerda e Aphrodite a direita da imagem, no dia do primeiro Noite Suja Fatality.

Fonte: Acervo Pessoal (2026)

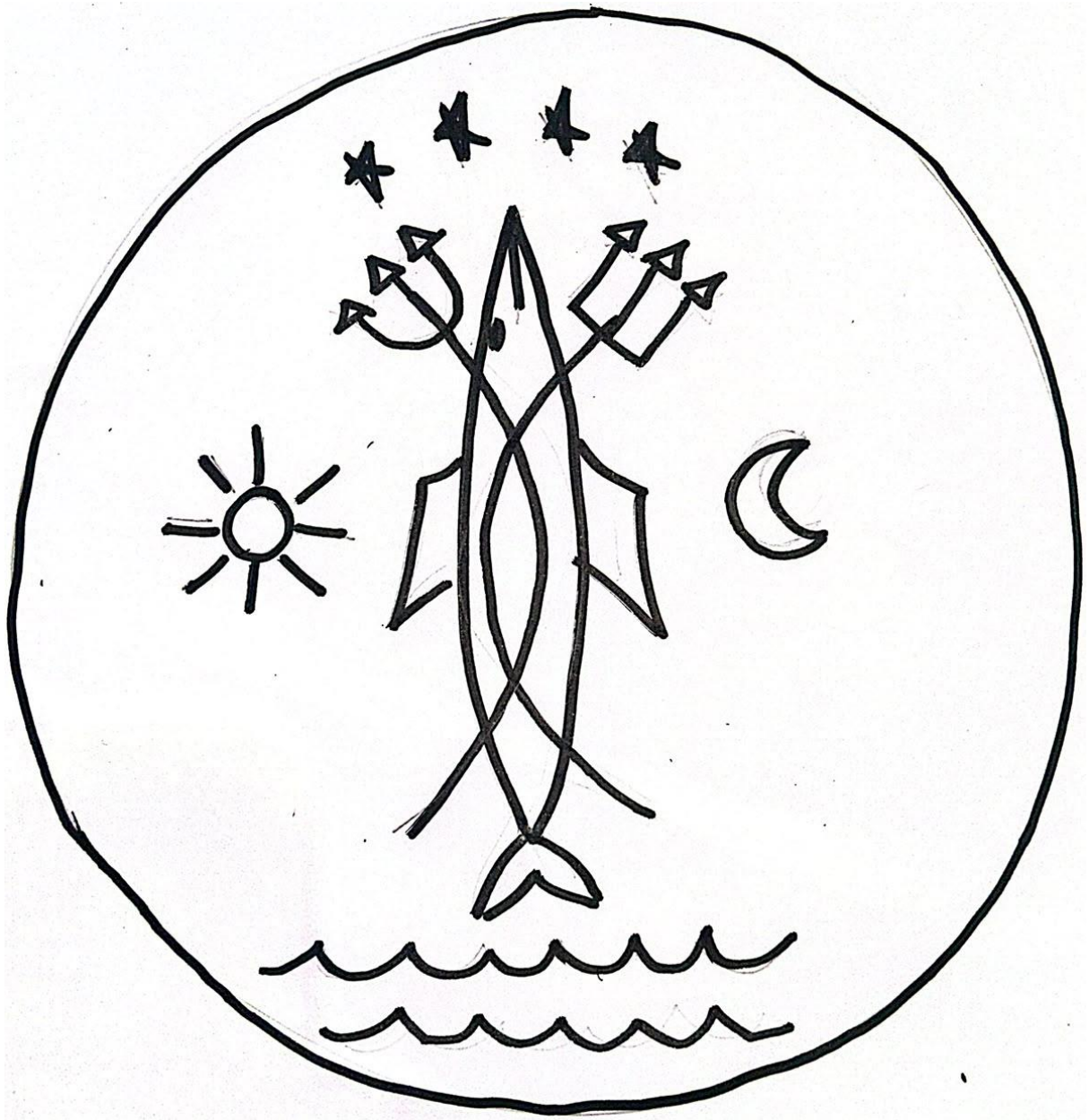
Figura 28 – Maria Padilha



O dia 24 de agosto, parece girar em torno de um eixo sagrado. Nesta imagem acima, registrada em 2019 no Espaço Cultural Raio Que o Parta, a performance da canção Sete Marias, de Rita Beneditto, captura o instante exato em que a arte se funde ao rito. Convidada para performar em uma festa realizada neste espaço, e consciente de que a data consagrava o dia de Exu, decidi performar vestida de Pombagira, intuindo que aquela estética era, na verdade, uma invocação. Este percurso é marcado por uma sincronicidade mística que atravessa toda a minha vida: desde a entrega inicial a Santo Antônio, que me acompanha desde o início, até o presente, sou guiada por Exu e pela Pombagira. Essas energias que abrem meus caminhos, derrubam barreiras e me levam à frente foram as mesmas que me conduziram até aqui. Em 24 de agosto de 2018, procurei um terreiro fazendo uma pesquisa de campo para a finalização da disciplina Técnicas Corporais II: Mitos, do curso técnico em teatro; um ano depois, em 2019, entreguei esta performance como oferenda; e, em 24 de agosto de 2020, cruzei o portal definitivo para o terreiro. À beira da água — elemento que me acolhe sob a regência de minhas mães, Senhora Iemanjá e Senhora Oxum —, o corpo performático já portava, ainda sem nomear, a altivez de Dona Maria Padilha. A imagem acima não é apenas um registro de 2019, mas o espelhamento do encontro que estava por vir: entre o concreto da parede e o reflexo imóvel na água, a entidade já habitava o rosto, as rosas e o vermelho, aguardando apenas o tempo certo para revelar sua coroa."

Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Figura 29 – Ponto Riscado de Aphrodite



5. A – C – A – B – A – M – E – N – T – O!

O **CORPO-TELA** em cena, agora, é capaz de processar traumas e reescrever afetos. Dizem que Aphrodite é a entidade gostosa, e eu digo que ela transita entre o mito e o contemporâneo, resultado “[...] de uma degustação corporal, onde a dimensão somática é a superfície inserida na realidade que produzirá estranhamento, admiração, fascínio, repulsa e outros diferentes sentimentos e sensações” (OLLIARI; ZAMBONI, 2021, p. 279). Segundo os mesmos autores:

“Cada drag queen emerge em meio a um cenário político, estético, econômico, racial, geográfico e sexualizado. A partir destes e de outros fatores criam-se modos únicos de existência, de se fazer arte e de contar sua história. Esses modos são recheados de nuances que constroem a performance drag, que, por sua vez, é constantemente atravessada por linhas de força, brecha, fissura, fratura, visibilidade e enunciação, apresentando entrecruzamentos e multiplicações, e criando também multiplicidades. É vivendo em meio a toda essa complexidade que as drag queens são grandes produtoras de si e de diversas realidades”.

Entre a **MEMÓRIA** de Santo Antônio e a força das Pombagiras, esta pesquisa é a prova de que o **CORPO**, quando compreendido como **TELA**, não apenas reflete uma história; ele detém a agência necessária para destruir as molduras pré-estabelecidas e pintar, com as cores da **MEMÓRIA** coletiva, espiritualidade e da arte, a sua própria existência. Nestes aspectos, o conceito **DRAG-MEMÓRIA** proposto neste trabalho e **CORPO-TELA** são convergentes. No entanto, **DRAG-MEMÓRIA** na perspectiva deste trabalho, trata não apenas na percepção do meu **CORPO** artístico, ligado ao tempo, espaços e **MEMÓRIAS**, mas desloco meu entendimento sobre o meu fazer artístico enquanto **DRAG QUEEN**.

Isso que me permite compreender o meu papel de semeador, quando posso através do meu **CORPO-TELA** transformar vivências artísticas de outras pessoas, utilizando o conceito de **DRAG-MEMÓRIA** como gatilho propulsor para o surgimento de novas **DRAGS** queens, em um processo de busca interior, a partir do afeto, **MEMÓRIA** e coletividade, como ocorreu comigo. Não se trata meramente de influenciar um indivíduo, mas estendendo a operação do meu **CORPO-TELA**, criando uma interconectividade de

telas, onde a minha subjetividade projeta e ressoa em outras, criando um coletivo de resistências.

Em última análise, a pesquisa sobre o conceito **DRAG-MEMÓRIA** através de registros fotográficos, me faz perceber que Aphrodite remonta uma história contada antes, mas através da sua forma de expressão, no que posso propor como **ESTÉTICA DA TRANSMUTAÇÃO**, conceito que pretendo desenvolver em pesquisas futuras, onde as formas, intensões e motivações se repetem em ciclos, apenas mudando de forma.

Concluo então que a cena não é o lugar onde eu interpreto "o outro", mas o lugar onde eu finalmente assumo o controle da minha própria projeção e com ela alcançar outras pessoas. Percebo que o meu teatro, aquele que eu buscava na faculdade, não é apenas o texto decorado ou a cena técnica, mas o uso do meu próprio **CORPO** como uma **TELA** de sobreposições. Um fluxo de ir e vir constante de águas doces e salgadas encruzilhadas, sopradas pelo vento, formando espumas de onde surge Aphrodite.

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Bruna. **Fracasso como potência: uma contribuição queer às perspectivas contra-hegemônicas.** Galáxia, São Paulo, n. 45, p. 256-261, set./dez. 2020. Resenha de: HALBERSTAM, Jack. A arte queer do fracasso. Recife: Cepe, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Juliano Bentes. **EKOAVERÁ: um estudo sobre a territorialidade nos processos identitários das Drags Demônias.** 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/>.

OLIARI, Matheus Flauzino; ZAMBONI, Jesio. **A performance drag queen e suas reverberações.** Linha Mestra, São Paulo, n. 44, p. 278-282, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/download/704/820> .

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Tradução de Alícia Loss. Belo Horizonte: Edições Lesbianas, 1980.